

Um das metas da nova diretoria da cooperativa, empossada recentemente, é atrair um número maior de professores

Cooperunicamp quer estimular a poupança

Foto: Antoninho Perri

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

Criada em junho de 1997, a Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Servidores da Unicamp (Cooperunicamp) experimentou um grande avanço nos últimos seis anos. O número de cooperados subiu de 22 para 1.982 no período, enquanto o capital social saltou de R\$ 1,2 mil para R\$ 1,7 milhão, conforme dados de outubro deste ano. A expectativa é que a instituição feche 2003 com recursos da ordem de R\$ 2 milhões e com a concessão de mais de 5,1 mil empréstimos, que totalizarão cerca de R\$ 8 milhões. Apesar dos resultados altamente positivos alcançados até aqui, a nova diretoria, que assumiu em setembro último, tem planos para dar ainda mais vigor à Cooperunicamp, visando à oferta de novos e maiores benefícios aos cooperados. Uma das idéias que já está sendo trabalhada é atrair um número maior de docentes para a cooperativa.

Cooperados vão ter novos benefícios

De acordo com Andrei Vinícius Gomes Narcizo, presidente da Cooperunicamp, o princípio que norteia as atividades da instituição é o de estimular as pessoas a poupar. Podem se associar à cooperativa servidores e docentes da Unicamp e funcionários da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp). Eles podem aplicar entre 1% e 10% de seus rendimentos brutos mensalmente. Os valores, descontados diretamente na folha de pagamento, obtêm rendimentos superiores aos proporcionados pelo mercado. “A cooperativa garante um ganho mínimo de 1% ao mês, além dos eventuais lucros obtidos”, explica Andrei. Só para se ter idéia do que isso significa, em 2002 os cooperados tiveram um rendimento total de 17,5%, contra de menos de 12% gerados pela caderneta de poupança. “O índice de 17,5% só é alcançado no mercado financeiro por pessoas que fazem aplicações de risco, a partir de quantias elevadas”, compara o secretário da Cooperunicamp, Luís Fernando Manarini. De acordo com ele, a expectativa é que o montante poupado seja resgatado por ocasião da aposentadoria dos cooperados. Entretanto,



Luís Fernando Manarini (à esquerda) e Andrei Vinícius Gomes Narcizo, respectivamente secretário e presidente da Cooperunicamp

isso pode ser feito antes, desde que observadas algumas normas. Nesse caso, a pessoa precisa pedir demissão da cooperativa no final de um ano, para sacar o valor em abril do ano seguinte, período em que o balanço é fechado.

Para que este servidor volte a fazer parte da Cooperunicamp, ele precisará cumprir um prazo de carência de 12 meses. “Essa regra foi criada para evitar que haja especulação. Nossa meta é estimular a poupança e a ação solidária entre os cooperados”, afirma Andrei. Além de proporcionar ganhos maiores que os do mercado, a cooperativa também oferece empréstimos aos cooperados, cobrando juros inferiores aos praticados pelos bancos ou financiadoras. Os diretores destacam, porém, que o objetivo da instituição não é concorrer com os agentes financeiros. “A preocupação do cooperativismo, como o próprio nome sugere, é promover o bem-estar do cooperado. Nós oferecemos uma alternativa para que as pessoas, num momento de emergência, não recorram a empréstimos

com juros altos, o que normalmente compromete ainda mais a sua situação financeira”, esclarece o presidente da Cooperunicamp.

Atualmente, segundo Luís Fernando, a cooperativa trabalha com uma taxa de juros de 2,2% ao mês, enquanto os bancos que fazem a consignação em folha de pagamento cobram, em média, 2,5%. Quando o desconto não é feito diretamente no contracheque, a taxa do mercado sobe para 5% ou 7%, dependendo do agente financeiro, em razão do risco de inadimplência. Aspecto importante: aos índices praticados pelos agentes financeiros ainda são acrescidos o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e um valor a título de seguro. O secretário revela que o limite máximo de empréstimo da Cooperunicamp é de R\$ 7 mil. Conforme a legislação, as prestações não podem exceder 50% do salário bruto. Aprovado o pedido de empréstimo, o valor é creditado na folha.

O presidente da Cooperunicamp conta que entre 10% e 15% do capital da instituição é reservado para

empréstimos de caráter social. Esses recursos atendem, por exemplo, a pessoas que enfrentam problemas de saúde ou até mesmo de morte na família. Há, ainda, uma modalidade de empréstimo chamada de “rapidinho”, cujo teto é R\$ 300,00. Esse dinheiro socorre os servidores em situações de emergência e normalmente é liberado de um dia para o outro. A busca por novos cooperados, sobretudo os docentes, almeja justamente a possibilidade de ampliar esses benefícios, segundo Andrei.

Ele explica que, hoje, a Cooperunicamp conta com apenas 22 professores em seus quadros. Como esse segmento já tem uma cultura de poupança e tem uma média salarial superior à dos servidores técnicos e administrativos, a sua entrada na instituição permitiria maiores ganhos e a oferta de empréstimos mais elevados para o conjunto dos cooperados. Andrei e Luís Fernando dizem que é difícil estabelecer uma meta precisa a ser atingida, mas consideram que seja possível conseguir que 10% dos cooperados sejam docentes.

Para isso, eles pretendem distribuir um documento entre a categoria, de modo a divulgar as atividades da cooperativa. Posteriormente, querem apresentar a instituição nas unidades de ensino e pesquisa, durante as reuniões das congregações. “Queremos que todos percebam que participar da cooperativa é um grande negócio”, destaca o presidente.

Os dirigentes da Cooperunicamp ressaltam que as atividades da instituição são normatizadas pelo Banco Central, que realiza auditorias periódicas. A cooperativa também tem as decisões e procedimentos acompanhados por uma empresa de auditoria contratada e pelo Conselho Fiscal. Além disso, os cooperados podem acompanhar os resultados por meio do balanço anual, publicado na imprensa. Andrei afirma que, apesar de funcionar nas dependências da Unicamp, a cooperativa é autônoma. A instituição conta com um gerente e quatro funcionários e tem um custo administrativo de R\$ 10 mil ao mês.

“Nós temos que destacar que a Cooperunicamp só atingiu o atual estágio, em termos de envergadura e credibilidade, graças a seus dois primeiros presidentes, Jurivaldo Folegatti e Eduardo Spinelli. Eles fizeram um trabalho excelente, criando as bases para que a instituição crescesse e ajudasse um contingente enorme de pessoas. A atual diretoria, que ficará à frente da cooperativa pelos próximos três anos, fará de tudo não apenas para dar continuidade a esse trabalho, mas também para aprimorá-lo”, promete Andrei, destacando ainda a participação do professor Devani Ferreira de Moraes como tesoureiro da instituição. Quem quiser obter mais informações sobre a Cooperunicamp pode acessar a home page da cooperativa (www.unicamp.br/cooperunicamp) ou telefonar para 3778-4479.

SERVIÇO

A Cooperunicamp

Cooperados:	1.982
Servidores da Unicamp:	1.547
Funcionários da Funcamp:	410
Funcionários da cooperativa:	04
Professores:	22
Capital social (até outubro de 2003):	R\$ 1.734.677,72
Empréstimos concedidos (até outubro de 2002):	5.123
Montante dos empréstimos concedidos (até outubro de 2003):	R\$ 7.981.794,00

Unicamp é destaque no Altec 2003

MARIA BEATRIZ BONACELLI (*)

Quais os elementos que a globalização dos mercados vem impondo à gestão do conhecimento e da inovação? Como ela afeta as estratégias de competitividade e as decisões em empresas de base tecnológica? Como tratar o local e o regional num contexto de mercados mais amplos? E como orientar políticas de ciência e tecnologia em ambientes de rápida mudança tecnológica? Essas são algumas das perguntas que nortearam os debates ocorridos no X Seminário Latino Iberoamericano de Gestão Tecnológica – Altec 2003, na Cidade do México, entre os dias 22 e 24 de outubro último.

Alguns fatos merecem registro. A Altec demonstrou claramente que o campo do conhecimento da política e da gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) vem se ampliando e abrindo fronteiras, fato bastante positivo, pois um número cada vez maior de interessados, militantes, curiosos e acadêmicos é atraído para essa área do conhecimento. Percebe-se também que, pouco a pouco, o tema se consolida nas agendas políticas dos mais variados atores sociais.

O evento cumpriu, com sucesso, o trabalho de divulgação desse campo de conhecimento, reunindo 530 participantes de 20

países – a grande maioria da Iberoamérica, mas também dos Estados Unidos, Canadá, França, Itália, Grécia, Holanda e Austrália. O Brasil predominou, com quase a metade dos trabalhos apresentados (45%): 121 foram aceitos para apresentação, contra 54 do México, país-sede que ficou em segundo lugar. Os 82 trabalhos efetivamente exibidos envolveram 112 pesquisadores brasileiros de diversas instituições do país.

Quanto aos temas que mais atraíram o interesse dos participantes, sobressaíram o de “aprendizagem e acumulação de capacitação” (com 20 apresentações e mais de 100 participantes) e o da “relação entre universidade-empresa” (também com 20 apresentações e mais de 70 assistentes).

A Unicamp marcou forte presença no Seminário da Altec, principalmente com professores e alunos do Departamento de Política Científica e Tecnológica – DPCT/IG. Foram nove artigos e cinco pôsteres, referentes a projetos em andamento ou já finalizados. Na premiação dos alunos de pós-graduação, o DPCT ameaçou dois dos três prêmios oferecidos. Em primeiro lugar, o trabalho “Incubadora tecnológica de cooperativas – ITCP e IEBT, diferenças e semelhanças no processo de incubação”, de Alessandra Azevedo e Luiz Rodrigues de Oliveira, doutorandos do DPCT, e Nguyen Tufino Baldeón e Maria Carolina de Souza, do IE.

Existem atualmente 21 universidades no Brasil que possuem incubadoras tecnológicas de cooperativas populares. Estas incubadoras surgiram no Brasil a partir de 1996, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de transferir conhecimentos tecnológicos, seja de gestão, produto ou processo para a população excluída econômica e socialmente. As semelhanças e diferenças entre as incubadoras de bases tecnológicas – que em sua maioria também estão instaladas em universidades –, permitem um campo vasto para debates. O trabalho premiado compara ferramentas de incubação de cooperativas populares e de empresas, identificando especificidades e possíveis interseções, além do papel exercido por elas na universidade. Foram apresentados os casos das incubadoras da Unicamp.

A doutoranda Maria Ester dal Poz ficou em terceiro lugar, com um projeto de tese no DPCT: “Relações entre agrobiotecnologias genômicas e direitos de propriedade intelectual: *rationale* e agenda”. O trabalho tem a co-autoria de sua orientadora, professora Sandra Brisolla. O artigo analisa as relações entre agrobiotecnologias genômicas e as questões de direitos de propriedade intelectual no âmbito das economias globalizadas, a partir de uma análise comparativa entre as leis nacionais e os *Agreement on Trade Related Intellectual Property Rights* (TRIPS), da OMC.

O *modus operandi* e a internacionalização das redes de genômica reforçam um mesmo padrão, já que os resultados de pesquisa estão disponíveis para a P&D em bancos internacionais de genômica. Segundo as autoras, o Brasil tem duplicado esforços em pesquisa genômica sem que, em contrapartida, sejam consideradas as condições relativas ao comércio internacional. A implementação de regimes de regulação e a participação ativa do Brasil nestas discussões podem favorecer a competitividade agrícola nacional, evitando que a jurisprudência internacional seja consolidada somente a partir da evidência empírica apresentada pelos países desenvolvidos.

Enfim, o importante a ressaltar é que em eventos dessa natureza pode-se perceber o estágio do estado-da-arte de disciplinas científicas e os temas que mais vêm sendo debatidos na atualidade. No caso do Seminário Altec 2003, a presença de professores e alunos da Unicamp demonstrou a importância que vem sendo dada aos estudos e à difusão das discussões que cercam a questão da política e da gestão da CT&I no país e na região.

(*) Maria Beatriz Bonacelli é professora do Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT), do Instituto de Geociências da Unicamp